

A INSCRIÇÃO DE AUTORES NEGROS PELA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA COMO TEMA EM UMA AÇÃO EXTENSIONISTA

THE SUBSCRIPTION OF BLACK AUTHORS BY AFRO-BRAZILIAN LITERATURE AS A THEME IN AN EXTENSIONIST ACTION

Lidia Noronha Pereira

Doutora em Ciências da Linguagem
UEMG / lidia.pereira@uemg.br

RESUMO

O presente artigo buscou apresentar o propósito e o desenvolvimento de um curso de extensão promovido pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Campanha. Tal curso buscou oferecer espaços de aprendizagens que dessem visibilidade e valorizassem a produção literária do sujeito afro-brasileiro, apresentando um percurso biográfico e literário dos três últimos séculos. Desse modo, a ação extensionista buscou abordar e discutir obras literárias de Machado de Assis (1972), Cruz e Sousa (2008), Lima Barreto (2013), Maria Carolina de Jesus (2019), Ana Maria Gonçalves (2006), Luiz Cláudio de Paulo (2012) e Geovani Martins (2018). Em sua metodologia, o presente artigo contou com o levantamento bibliográfico a partir dos estudos de Lajolo (1995), Bosi (2002), Santos, Rocha e Passaglio (2016) entre outros, e com a exposição teórico-metodológica do curso realizado durante o segundo semestre de 2018. Os resultados, advindos por meio de debates ao longo de seu desenvolvimento e de avaliações em seu encerramento, mostraram que houve alcance e impacto significativo entre o público participante. Este, advindo de diferentes segmentos sociais de Campanha, MG e região, se posicionou de forma comprometida com a valorização da cultura afro-brasileira e pôde se aproximar da expressão literária descentrada de seu lugar de privilégio.

Palavras-chave: Extensão universitária. Literatura Afro-brasileira. Literatura de fronteira. Relato de Experiência.

ABSTRACT

This article sought to present the purpose and development of an extension course promoted by the State University of Minas Gerais (UEMG), Campanha unit. This course sought to offer learning spaces that would give visibility and valorize the literary production of the Afro-Brazilian subject, presenting a biographical and literary path of the last three centuries. This way, the extensionist action sought to approach and to discuss literaries work belonging Machado de Assis (1972), Cruz e Sousa (2008), Lima Barreto (2013), Maria Carolina de Jesus (2019), Ana Maria Gonçalves (2006), Luiz Cláudio de Paulo (2012) and Geovani Martins (2018). In its methodology, the present article counted a bibliographic survey from studies of Lajolo (1995), Bosi (2002), Santos, Rocha e Passaglio (2016) among others, and with the exposition teoric-methodoly of the course realized during the second semester of 2018. The results, coming from debats during its development and avaliations at the end, showed there was alcance and significative impact among the participant

public. This public, coming from different social segments of Campanha, MG and region, positioned itself in a committed way with the valorization of Afro-Brazilian culture and it could approach the decentralized literary expression of its privileged place.

Key-words: University Extension. Afro-Brazilian literature. Frontier literature. Experience report.

INTRODUÇÃO

A luta contra o preconceito racial é, sem dúvida, uma marca do presente século. No entanto, embora a sociedade brasileira esteja iniciando um movimento para a quebra de paradigmas racistas, há ainda muito a ser feito. Nesse passo, para que essa causa seja possível e contínua, um dos pontos fundamentais diz respeito à abertura de espaços sociais legitimados que propiciem o debate de temáticas voltadas para a igualdade racial.

Frente a essa necessidade que se faz urgente, e compreendendo o espaço acadêmico enquanto um lugar de privilégio social, foi idealizado um curso de extensão que buscasse dar visibilidade à produção literária do sujeito negro. Houve o interesse em apresentar, ler e analisar produções literárias de autores(as) negros(as) de ontem e de hoje para que suas produções artísticas pudessem ser legitimadas por uma instituição social de prestígio, como a universidade.

Diante disso, o presente artigo busca apresentar o curso de extensão intitulado “Literatura Afro-brasileira: a inscrição do sujeito negro pela arte” realizado na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Campanha, durante o segundo semestre de 2018. Tal curso teve como proposta criar espaços de aprendizagem, leituras e debates para que os sujeitos envolvidos pudessem compreender as diversas formas de expressão literária produzidas por autores negros que, não raro, são invisibilizados pela sociedade. (PEREIRA, 2020)

De acordo com Santos, Rocha e Passaglio (2016, p. 24), a extensão universitária deve ser compreendida “como uma atividade acadêmica que pressupõe a integração entre a comunidade universitária e a sociedade, sob formas de programas, projetos, cursos, eventos, publicações entre outras.” E, nesse viés, conforme apontam os autores, visando prestar serviços à comunidade, a extensão deve promover o in-

tercâmbio entre universidade e sociedade ao identificar as demandas sociais.

Assim, a proposta do curso versou sobre a produção da Literatura Afro-brasileira, tanto aquela considerada clássica, advinda de academias e inseridas em determinadas estéticas literárias, quanto a produzida à margem, nos guetos, nas periferias, no interior. Nessa perspectiva, buscou-se saber e conhecer quem é o sujeito negro e/ou afrodescendente que escreveu e que escreve literatura no Brasil, qual a sua produção, quais as temáticas, quais os estilos, quais épocas e períodos a que suas produções se inserem e são inseridas. (PEREIRA, 2020)

Influenciada por essas proposições, a professora proponente do referido curso teve grande interesse para que fossem apresentadas obras escritas por sujeitos negros e não sobre tais sujeitos. Sabe-se que, em inúmeras obras, ao longo da literatura nacional, a figura do negro aparece como uma personagem menor, muitas vezes inferiorizada e sem assumir o lugar de protagonista. Diante disso, não interessei à proposta do curso uma literatura escrita por brancos em que o negro aparece de forma subalterna, mas, sim, uma literatura escrita por este que, enquanto escritor, é também protagonista de suas próprias histórias.

Sobre esse ponto, o crítico literário Alfredo Bosi (2002, p. 20-21) aponta que há duas formas de considerar a relação entre os excluídos e a escrita: “A primeira [...] consiste em ver o excluído social ou marginalizado como objeto da escrita. Objeto compreende temas, personagens, situações narrativas”. Já em outra perspectiva, a segunda maneira, conforme aborda o autor, “Em vez de tomar a figura do homem sem letras como objeto, procura-se entender o pólo oposto: *o excluído enquanto sujeito do processo simbólico*”. Frente a essa consideração, e tomando o seu pertencimento ao grupo de excluídos, justamente por fazer parte da minoria do conjunto social pelo pre-

conceito recorrente há séculos, a referida ação extensionista pretendeu dar enfoque ao negro enquanto *sujeito do processo simbólico*. Nesse viés, tal sujeito é o produtor de materialidade discursiva literária e não o objeto sobre o qual a literatura fala.

Partindo dessa perspectiva, a proposta do curso visou apresentar biografias e obras de escritores negros que marcaram a literatura ao longo dos séculos XIX, XX e XXI. Dentre os autores estudados, estão Machado de Assis (1839-1908), Cruz e Sousa (1861-1898), Lima Barreto (1881-1922), Carolina Maria de Jesus (1914-1977), Luiz Cláudio de Paulo (1964), Ana Maria Gonçalves (1970) e Geovani Martins (1991). Além de abordar parte de suas produções literárias, a ação extensionista buscou promover a interação entre universitários e a comunidade a fim de (re)conhecer, discutir e ressignificar seus olhares sobre a produção literária afro-brasileira.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

No cenário artístico brasileiro atual, sobretudo o literário, ainda no século XXI, encontramos uma representatividade afro-brasileira pouco divulgada. Infelizmente, a produção e a leitura de obras escritas por sujeitos negros, não raro, vêm encontrando barreiras para que possam obter a devida legitimidade junto aos clássicos consagrados e essa questão, como se sabe, se apresenta por pontos bem marcados. (PEREIRA, 2020)

O primeiro remonta ao fato de que, por mais de 300 anos, o negro foi proibido de participar da sociedade enquanto cidadão e, com isso, sua arte literária foi apagada durante esse período e muito se perdeu por grande parte dessa produção artística se constituir, também, de forma oral. O outro ponto que leva a sociedade, de modo geral, a ter um olhar menor para com a literatura produzida por negros é justamente o reflexo de tantos anos de discriminação e marginalização. (MARINGONI, 2011)

Mesmo após a escravidão, o negro chegou tardiamente aos bancos escolares, o que leva

a compreensão de que a sociedade brasileira pouco ou nada incentivou, em seu processo de escolarização, a arte da escrita literária, ou mesmo ofereceu subsídios para alguma produção artística.

Nesse viés, o terceiro motivo para a pouca representatividade do sujeito negro enquanto escritor é o fato de que a prosa e a poesia, ainda que com o advento da liberdade de expressão dos modernistas de 1922, se configuram, até os dias de hoje, em uma expressão artística elitizada, classista, produzida e consumida para e por poucos. (DUARTE, 2010)

Nesse contexto, o negro ficou quase que exclusivamente de fora, tanto das rodas culturais quanto da escrita literária. A esse respeito, Silva (2002, p. 294) aponta que “É certo [...] que a imagem do homem negro-africano aparece de maneira bastante rarefeita na literatura produzida no planalto central. Certíssimo é que tal constatação é válida para a quase totalidade da literatura brasileira”.

Contrapondo esse cenário excludente em que a divulgação e a exaltação da produção literária se dão, é sabido que há resistência e, com ela, a criação literária por grupos de negros e afrodescendentes. No entanto, a produção massiva de tais grupos, não raro, é a partir do gueto, da marginalização, ficando o negro a produzir suas letras e histórias à margem de outros grupos sociais que aparecem para o grande público. Isso, claro, não significa que tal produção seja inferior no quesito expressividade, qualidade, subjetividade, poética, etc. Não, não é. Mas denota apagamento, silenciamento, censura da voz literária de um grupo que é relegado a um (não) lugar de fala, o da exclusão. Sobre isso, Lajolo (1995), há duas décadas, já apontava que, em meio a resistência,

Os textos a que a tradição reserva o nome de literatura, embora nascendo de uma elite e a ela dirigidos, não costumam confinar-se às rodas que detêm o poder. Transbordam daí e, como pedra lançada às águas, seus últimos círculos vão atingir as margens, ou quase. Seus efeitos, a inquietação que provocam, podem repercutir em camadas mais marginalizadas, mais distantes dos círculos oficiais da cultura. É desse cruzamento do mundo simbolizado pela palavra em estado de literatura com a realidade diária dos homens que a literatura assume seu extremo poder transformador. (LAJOLO, 1995, p. 65)

Nesse ínterim, é preciso apontar outra questão fundamental a respeito da produção artística produzida à margem e que insiste em se inscrever no social: a cultura de fronteira. De acordo com Bosi (2002, p. 21), a cultura de fronteira “marca a passagem da expressão literária oral para o texto escrito em letra de forma, fazendo com que seus produtores, geralmente cidadãos excluídos socialmente, saíssem do anonimato e assumissem a condição de autores individualizados”.

Sobre isso, Bosi (2002) observa que

[...] exemplo notável, e já plenamente urbano, de cultura de fronteira é o de uma favelada, apenas alfabetizada, que registrou o seu cotidiano em um diário pungente, publicado em 1960 com o título de Quarto de Despejo. Falo de Carolina de Jesus, cuja obra foi traduzida para as principais línguas cultas do mundo, reproduziu-se amplamente e atingiu um milhão de exemplares. (BOSI, 2002, p. 22)

Assim, com base tais apontamentos, e independentemente da origem sociocultural de autores e obras, a ação extensionista buscou propiciar a valorização da produção literária realizada por sujeitos negros e afrodescendentes legitimando a Literatura Afro-brasileira e aproximando-a de seus leitores.

METODOLOGIA

A metodologia empregada no curso de extensão se deu através de aulas expositivas, leituras, análises, debates, apresentações em dupla, discussões de vídeos e apreciação de biografias e obras literárias em prosa e poesia. O referido curso contou com reuniões mensais, cada uma com duração de 4 horas em média, com início em agosto de 2018 e finalização em dezembro do mesmo ano, totalizando 5 reuniões. Por seu caráter mensal, o curso, que dependia de leituras prévias das obras disponibilizadas pela docente, totalizou

em 40 horas: 20 horas presenciais e 20 horas à distância. Os encontros foram realizados no UAITEC¹, em parceria com a UEMG, unidade Campanha, que disponibilizou o uso de uma sala multimídia.

O público participante, com o total de 30 inscritos, foi constituído por alunos da graduação da UEMG², unidade Campanha; alunos do ensino médio das escolas públicas e privadas do município; professores e coordenadores da Educação Básica de Campanha e de cidades vizinhas, como Varginha e Cambuquira (Minas Gerais); escritores e artistas.

No primeiro encontro, como atividade inicial, foram apontadas algumas questões para que os participantes pudessem contribuir com suas percepções a respeito do que é arte e participar de debates com questões como: o que é Arte? Quem confere legitimidade a uma obra de arte? Como podemos compreender a Literatura? De que forma o contexto sócio histórico pode influenciar a produção literária? Qual a relação do sujeito com a Literatura? E, ainda: quem pode produzir a arte literária? Os alunos do curso ficaram instigados a debater, cada um com suas visões e percepções, o que contribuiu para um campo dialético.

O primeiro autor negro do século XIX apresentado foi Machado de Assis, morador da periferia do Rio de Janeiro, lutou contra o preconceito da sua época e venceu inúmeras barreiras para conseguir notoriedade na sociedade. A sua obra lida e analisada foi a crônica “Abolição e Liberdade”, publicada em 1888, em que Machado de Assis fez uma forte crítica a sociedade da época, sobretudo no que diz respeito às questões raciais e sociais.

Em transição para o século XX, o segundo encontro ficou marcado com a obra de Lima Barreto. O autor abordou em suas obras a reforma agrária, o preconceito racial, o regime militar e o cientificismo exagerado da época. O conto analisado nesse encontro, intitulado “O Homem que sabia Javanês” (BARRETO, 2013),

¹A UAITEC é uma rede mineira que oferece cursos gratuitos e qualificação profissional visando promover a inclusão digital e social através de ações voltadas ao incentivo à cultura, tecnologia e empreendedorismo. Enquanto política pública da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, busca estabelecer parcerias entre órgãos públicos, privados e do terceiro setor. Informação disponível em: <https://www.uaitec.mg.gov.br/> Acesso: 15/04/2021.

²Alunos dos cursos de Pedagogia e História da referida instituição.

publicado em 1911, contribuiu para que o grupo compreendesse o período vivido pelo autor, marcado pelas aparências, mentiras e supervalorização da ciência e cultura estrangeira.

Ainda no segundo encontro, foi apresentado o primeiro poeta negro do século XIX, Cruz e Sousa. Filho de escravos alforriados e criado pelo antigo senhor de seus pais, o poeta expressava em suas obras o sofrimento frente a uma sociedade marcada pelo preconceito racial. A leitura de variadas poesias presentes em "Obras Completas" (2008) foi fundamental para que os participantes apreendessem como suas obras estavam relacionadas a sua vivência em uma sociedade racista e as perdas pessoais sofridas pelo autor.

O terceiro encontro foi marcado por Carolina Maria de Jesus: mulher negra e favelada. Sua história marca o século XX e é narrada pela autora que lutava diariamente pela sua sobrevivência e a de seus filhos. Sua obra "Quarto de despejo" (JESUS, 2019), denuncia a desigualdade social, o apagamento das minorias, a violência de gênero, a solidão da mulher negra, e promove a reflexão sobre a condição humana.

O quarto encontro foi dividido em dois momentos. O primeiro contou com o estudo da vida e obra de Geovani Martins: escritor contemporâneo, jovem e carioca. Seu primeiro livro, "O sol na cabeça" (MARTINS, 2018) narra histórias de vida de jovens nascidos e criados nas favelas da cidade do Rio de Janeiro, suas conquistas e alegrias, as angústias, o enfrentamento com as dificuldades e as violências da urbanização. Para trabalhar essa obra, o grupo se dividiu em duplas para apresentar e discutir os seus contos.

Na segunda parte desse encontro, para compreender um pouco mais sobre o sujeito afro-brasileiro contemporâneo, foi apresentado o lirismo poético de Luiz Cláudio de Paulo. Poeta negro, mineiro, que se utiliza da poesia para expressar seus sentimentos, vivências e reflexões. Seu livro "Poesia Ponte Aérea" (PAULO, 2012) apresenta poesias que refletem a vida na capital e também no interior mineiro, o que contribuiu para que o grupo pudesse encontrar muitos pontos de identificação, já que o curso se dava em uma cidade interiorana do

Estado de Minas Gerais.

O quinto e último encontro visou discutir a vida e a obra da contemporânea Ana Maria Gonçalves, mulher negra que abandonou a vida de publicitária para se dedicar à literatura. Em sua obra "Um defeito de cor" (GONÇALVES, 2006), a autora mostra o processo de escravidão, o sincretismo, as resistências dos quilombos e as marcas que foram deixadas nos sujeitos afro-brasileiros que ainda permeiam na história. Após o debate dessa obra, o encontro se voltou para uma avaliação do curso, bem como para dialogar sobre a necessidade de abrir espaços como esse para que os sujeitos afro-brasileiros possam atravessar a marginalidade, a fronteira social, e alcançar a legitimidade enquanto autores e produtores da arte literária.

RESULTADOS

Após a realização do curso de extensão, foi possível elencar seus impactos e perspectivas, pois, mais do que fazer uma avaliação da proposta extensionista, é preciso refletir sobre seu caráter educativo, dialógico e transformador. De acordo com Santos, Rocha e Passaglio (2016, p. 25), a extensão universitária é uma espécie de mecanismo "que leva o aluno a participar e a buscar ações e soluções para o contexto social e, diante deste contexto, atuar, experimentar, conhecer e conviver de forma cívica e responsável".

E, nessa perspectiva, ao longo de todos os encontros, pôde-se obter resultados que contribuíram para a observância das dimensões educativas nas experiências dos sujeitos participantes. Tais dimensões, que no contexto universitário integram o pilar constituído pelo ensino, pesquisa e extensão, puderam ser observadas a partir da troca dialógica de saberes dada a diversidade dos participantes. Estes puderam apresentar e trocar suas percepções a partir de vivências, pré-concebidos, graus de escolaridade, atuações como profissionais e como aprendizes etc. - o que, sem dúvida, foi determinante para o processo educativo e transformador da prática extensionista.

Nesse ínterim, as discussões e posicionamentos nos debates foram fundamentais para que o grupo, por exemplo, chegasse à compreensão de que a produção literária diz respeito a um contexto sócio-histórico – pressuposto necessário para desconstruir o imaginário sobre o conceito elitista de arte. Tal imaginário, não raro, advindo de lugares sociais de prestígio como o escolar, muitas vezes leva à segregação e constrói uma visão fechada da Literatura. E, mesmo que parte dos participantes possuísse um olhar elitizado para com a Literatura, o grupo todo seguiu aberto para ouvir, participar e, sobretudo, ressignificar a produção literária.

A cada encontro, em seus relatos, análises e discussões, era visível a desconstrução de olhares sobre a arte literária. É certo que esse processo de desconstrução não se deu sem resistências e questionamentos, sobretudo a respeito da linguagem empregada em alguns dos textos que, não raro, contrariou regras gramaticais consagradas. Sobre esse ponto, constatou-se que o imaginário da língua portuguesa ainda se encontra, em grande medida, preso ao saber gramatical – saber também elitizado e que, não raro, é valorizado em detrimento às demais variantes do português falado no Brasil. Frente a tal discussão, a maior parte do grupo compreendeu a Literatura inscrita pelo viés da Arte e que, diante disso, atribuiu-se aos autores a liberdade para construir seus textos a partir de diversas variações da língua sem que haja prejuízo estético ou artístico da expressão escrita.

Essa discussão também culminou na percepção do grupo de que cada um ali poderia ser escritor e poeta se assim desejasse. Essa aproximação do fazer literário foi um ponto surpreendente, pois embora alguns escritores fizessem parte do curso, a grande maioria não ‘ousava’ escrever. Sobre esse resultado observado, Campigotto Aquino (2018) aponta que o contato entre texto e leitor possibilita formas variadas de compreensão a respeito das variantes linguísticas, das estruturas textuais e suas particularidades, da diversidade de temas e, ainda, das relações das produções literárias com as questões culturais, sociais e históricas. Desse modo, ao propiciar momentos de aproximação entre autor, texto literário e leitor, houve maior identificação, e as relações de

sentido passaram a produzir efeitos para além de um imaginário arraigado sobre a legitimidade do fazer artístico.

Assim, ao longo dos encontros, na medida em que os autores eram apresentados, foi possível perceber o entrosamento da turma que se mostrou interessada em conhecer as histórias de vida e outras produções literárias que não haviam sido listadas no cronograma. Muitos paradigmas foram desconstruídos nesse processo. Como exemplo, pode ser citado o fato de que uma parte considerável dos participantes desconhecia a origem racial de Machado de Assis – um dos maiores escritores brasileiros. E tal reconhecimento de sua origem foi fundamental para legitimar e ampliar a representatividade do sujeito negro enquanto escritor. Alguns professores presentes argumentaram que esse apagamento da origem afro-brasileira de Machado de Assis pode ter se dado pelas imagens “esbranquiçadas” do autor em materiais didáticos.

Nesse passo, professores e alunos do Ensino Médio confessaram nunca terem encontrado nos materiais didáticos a inclusão de autores negros mais contemporâneos, embora hoje já seja possível encontrar nos vestibulares e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) referências a estas obras, como o livro “Quarto de desejo” de Carolina Maria de Jesus (1960). A esse respeito, os participantes puderam observar que a crítica literária muitas vezes atua a favor de um grupo específico, geralmente pertencente à elite de nossa sociedade. E, ainda, que esse posicionamento excludente resulta no apagamento da história de autores negros.

A respeito de tais resultados, Silva *et al.* (2019) salientam a necessidade de reflexão sobre as possibilidades que os projetos de extensão universitária viabilizam, levando sempre em consideração o pressuposto de que as ações extensionistas buscam difundir teorias que sustentam práticas capazes de gerar novas ideias e perspectivas.

De modo geral, os participantes encontraram nas leituras oportunidades para reflexões existenciais, críticas a respeito do preconceito social e racial e, também, fatos históricos que demonstraram a luta dos sujeitos negros para

conquistar, ao longo de séculos e ainda hoje, respeito e igualdade. Ficou evidente que as leituras e os debates contribuíram para que os participantes pudessem perceber o que uma parte considerável dos autores negros vivenciou e ainda vivencia em um meio hostil que, em muitos momentos, procura apagar suas histórias e diminuir sua condição enquanto cidadãos. Indo além, todo o grupo pôde observar a profundidade e a força da produção literária afro-brasileira que, mesmo diante de muitas adversidades, são potências artísticas que não podem ser invisibilizadas.

Diante dessas constatações, os professores participantes apontaram a relevância do curso para levar para as salas de aula mais autores afro-brasileiros, a fim de que seus alunos possam conhecê-los. Os graduandos de História ressaltaram a importância das obras para abordar os conteúdos sobre a História do Brasil e seu processo de formação. Já os graduandos de Pedagogia se mostraram interessados em procurar outras obras de autores negros que tenham como público-alvo as crianças, para que o imaginário sobre a Literatura, capaz de conferir legitimidade à produção literária e artística do sujeito afro-brasileiro, seja construído desde a infância.

Sobre tais considerações, Santos, Rocha e Passaglio (2016) apontam que a extensão universitária é fundamental para a formação do graduando, pois os coloca em contato direto com saberes que estão fora da universidade, o que permite uma tomada de consciência frente às demandas sociais. Segundo os autores (2016, p. 28), “a extensão coloca, ainda, questionamentos acerca da prática profissional permitindo uma visão crítica sobre a atuação profissional e suas possibilidades de mudança.” Nesse passo, a ação extensionista possibilitou ao aluno ir além daquilo que lhe é oferecido em sala de aula, ampliando a sua visão teórico-prática e, também, a sua atuação profissional, pois, conforme Santos, Rocha e Passaglio (2016), o conhecimento passa a ser contextualizado e articulado às demandas reais da sociedade.

DISCUSSÃO

De acordo com Silva *et al.* (2019), a importância da extensão universitária pode ser compreendida a partir de dois vieses: o institucional e o social. O primeiro, diz respeito às instituições de Ensino Superior que visam, através da prática que as ações extensionistas propiciam, enriquecer e aprimorar a aprendizagem dos discentes. Já o segundo viés, de caráter social, refere-se ao acesso da sociedade a variados serviços que objetivam o exercício da cidadania e, nessa perspectiva, dos direitos humanos.

Assim, frente aos resultados alcançados, a ação extensionista pôde contribuir para o olhar crítico dos participantes que enxergaram a necessidade de legitimar e de difundir a Literatura Afro-brasileira para outros espaços sociais. Sobre as ações desse gênero, Campos (2017, p. 14) aborda que “[...] as ações afirmativas raciais em vigor no Brasil visam, por exemplo, modificar o viés racista de uma determinada estrutura social alterando as posições historicamente destinadas aos negros e reconduzindo-os a espaços de privilégio e poder”.

No que se refere à difusão da Literatura, Campigotto Aquino (2018), ao realizar uma ação extensionista que buscou aproximar os leitores às obras literárias, afirma que só será possível construir uma cultura literária comprometida com a formação do leitor competente se tal construção se der, de fato, pelo contato efetivo com as discursividades literárias. Nesse ínterim, Campigotto Aquino (2018) aponta que a vivência com produções literárias proporciona aos leitores a ampliação de horizontes e o incentivo ao diálogo, ao questionamento e à reflexão sobre a realidade histórico-social a que pertencem.

Quanto à divulgação da Literatura Afro-brasileira, pode-se dizer que o contato com outras obras para além daquelas que já estão consolidadas, como as de Machado de Assis, Lima Barreto e Cruz e Souza, permitiu que os participantes pudessem visualizar uma outra linguagem literária. Assim, por apresentarem variações linguísticas distintas, as obras lidas e discutidas de Carolina Maria de Jesus, Ana Maria Gonçalves, Geovani Martins e Luiz Cláudio de Paulo proporcionaram uma maior aproxi-

mação entre o leitor e o texto literário, a fim de abrir novas possibilidades de produções escritas.

Sobre isso, Campigotto Aquino (2018) coloca que a orientação do acesso dos leitores aos elementos conceituais e literários é uma ferramenta fundamental para que haja o aprofundamento da prática de leitura, garantindo o desenvolvimento da autonomia do leitor. Tal ação, segundo a autora (2018, p. 11), possibilita “a compreensão da literatura como instrumento que auxilia na construção da sua visão de mundo, bem como na construção de sua identidade de leitor crítico, de cidadão implicado.”

Nesse passo, Campigotto Aquino (2018) explica que as ações extensionistas que visam o desenvolvimento da Literatura possibilita aos envolvidos reconhecer e legitimar autores e obras essenciais para a cultura literária nacional. Assim, faz-se necessária a criação de novas formas metodológicas e iniciativas como essas que visem a aproximação entre a academia e a sociedade em prol do desenvolvimento da leitura e da valorização da cultura brasileira.

Nesse sentido, o curso de extensão visou e conseguiu atingir o propósito de oferecer espaços de discussão que buscassem a valorização e a legitimidade da inscrição de autores negros pela via da produção literária. Desse modo, enquanto ação extensionista, o referido curso buscou apresentar *indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão*, pois valorizou os diferentes saberes, frutos de práticas sociais; também proporcionou a *interdisciplinaridade*, uma vez que buscou diferentes áreas do saber como os Estudos Culturais, a História, a Pedagogia e a Literatura; e *interação dialógica com a comunidade*, promovendo uma ruptura entre ciência e senso comum, com a finalidade de democratizar a universidade, considerando os saberes não hegemônicos e grupos discriminados; possibilitando, assim, o *impacto na formação do aluno*, para que os sujeitos com-

preendam que existem diferentes formas de ser, viver e formas de subjetivação do sujeito pela arte; e o *impacto social*, ao objetivar o conhecimento epistemológico, valorizar a cultura afro-brasileira e legitimar a presença do negro enquanto produtor de Literatura. (Pereira, 2020)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de extensão “Literatura Afro-brasileira: a inscrição do sujeito negro pela arte” conseguiu atingir seu êxito ao abrir um espaço de diálogo entre a universidade e a sociedade em prol da legitimidade da Literatura Afro-brasileira, mesmo que não tenha esgotado todas as obras dos autores. É certo que, ainda, inúmeros autores(as) negros(as) não foram contemplados no curso, pois não se pretendia que fosse um curso exaustivo e, tampouco, podia-se ter tal pretensão.

O objetivo maior era conseguir difundir a produção literária em prosa e poesia do negro de ontem e hoje, apresentando sua inscrição artística e suas subjetividades na escrita. As resistências dos participantes frente ao uso de variantes linguísticas para além da variante padrão não representou, de forma alguma, um impeditivo para o bom andamento do curso que, mesmo aos sábados, contou com a presença massiva de seus participantes.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Minas Gerais – Campus Campanha – MG e à UAITEC pelo apoio, parceria e incentivo ao projeto. À comunidade universitária, artística e à sociedade civil por divulgar, participar e, sobretudo, tornar possível o curso “Literatura Afro-brasileira: a inscrição do sujeito negro pela arte”.

REFERÊNCIAS

- Assis, J. M. M. de. **Crônicas**. Seleção e apresentação de Eugênio Gomes. Rio de Janeiro: Agir. 1972.
- Barreto, L. **O Homem que sabia Javanês e outros contos**. São Paulo: IBEP. 2013.
- Bosi, A. A escrita e os excluídos. In: CANIATO, B. & MINÉ, E. (Eds.) **Abrindo Caminhos: uma homenagem a Maria Aparecida Santilli**. (pp. 20-27). São Paulo: Coleção Via Atlântida, nº 2. 2002.
- Campigotto Aquino, I. Interface entre literatura e outras manifestações de arte. **Revista Signo, Santa Cruz do Sul**, v. 43, n. 78, nov. 2018. Recuperado de: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/12017>. Acesso em: 19/04/2021.
- Campos, L. A. Racismo em três dimensões: uma abordagem realista-crítica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 32(95), 1-19. 2017. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n95/0102-6909-rbcsoc-3295072017.pdf>
- Duarte, E. de A. D. Por um conceito de Literatura Afro-brasileira. **Revista Terceira Margem**, 23(2), 113-138. 2010.
- Gonçalves, A. M. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record. 2006.
- Jesus C. M. de. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Ed. Ática. 2019.
- Lajolo, M. **O que é literatura** (17ª Ed). São Paulo: Ed. Brasiliense. 1995.
- Maringoni, G. O destino dos negros após a Abolição. **Revista desafios do desenvolvimento**, 70(1), s/p. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). 2011. Recuperado de: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D
- Martins, G. **O sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras. 2018.
- Paulo, L. C. de. **Poesia ponte aérea**. Conselheiro Lafaiete: Liga Ecológica Santa Matilde. 2012
- Pereira, L. N. A extensão universitária e a literatura: uma experiência comprometida com a legitimidade da produção artística afro-brasileira. In: M. E. R. de Carvalho, V. M. S., ALVES, & J. B. B. PEREIRA (Eds). **Atuação docente em espaços públicos extraescolares de aprendizagem: experiências pedagógicas no trato da pluralidade cultural nos cursos de História e Pedagogia**. (pp. 60-80). 2020 Belo Horizonte: EdUEMG. Recuperado de: http://eduemg.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2020/atuacao_docente.pdf
- Santos, J. H. S., Rocha, B. F. & Passaglio, K. T. Extensão Universitária e Formação no Ensino Superior. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, 7(1): 23-28. 2016.
- Silva, A. L. B. et al. A importância da Extensão Universitária na formação profissional: Projeto Canudos. **Revista de Enfermagem UFPE on line**. Vol. 13. 2019.
- Sousa, C. E. **Obra completa**. Jaraguá do Sul: Avenida. 2008. Recuperado de: <https://estdaliteratura.files.wordpress.com/2017/05/9-10-e2809cacrobata-da-dore2809d-e2809csinfonias-do-acasoe2809d-e28093-cruz-e-sousa.pdf>
- SILVA, M. de S. E. Vozes e Ecos da Negritude: panorama visto do cerrado. In: CANIATO, B. & MINÉ, E. (Eds.) **Abrindo Caminhos: uma homenagem a Maria Aparecida Santilli**. (pp. 292-307) São Paulo: Coleção Via Atlântida, nº 2. 2002.